

Documentos e Informações Audiovisuais: a teoria arquivística e as técnicas da Biblioteconomia aplicadas à organização de arquivos de TV

Audiovisual Information and Documents: the archive theory and techniques from Library Science applied to organize TV archives

por [Francisco Edvander Pires Santos](#)

Resumo: Discute os principais pontos da teoria arquivística com a finalidade de subsidiar um estudo voltado para a organização e gerenciamento de arquivos de TV. Apresenta as principais características da informação e dos documentos audiovisuais, abordando as técnicas da Biblioteconomia, voltadas para a representação descritiva e temática da informação, e o tratamento dado aos suportes e ao conteúdo informacional das imagens em movimento. Lista as principais mídias de arquivamento audiovisual, bem como debate a substituição do suporte físico pelo digital. Conceitua a decupagem de imagens, uma das atividades técnicas realizadas no tratamento da informação nos ambientes de arquivos de TV. Discorre acerca de métodos e critérios para a decupagem e indexação das imagens em movimento, com base nas teorias arquivísticas e biblioteconômicas e na prática do mercado de trabalho em arquivos de TV.

Palavras-chave: Arquivo; Televisão; Documento audiovisual; Imagem em movimento; Decupagem; Representação da informação, indexação.

Abstract: This article was based on the archive theory, whose main subjects will be discussed, and it is a study which was developed to explain how to organize and to manage TV archives. This study also presents the main characteristics of the audiovisual information and documents, focusing on techniques from Library Science, especially descriptive representation and indexing language, and discussing the detailed analysis of audiovisual documents and images in motion. The main kinds of audiovisual documents will be presented, as well as their replacement to digital environment. Besides, the description of images in motion, which is a work developed in TV archives, will be also discussed. Finally, the article presents some methods and criteria to explain how to describe audiovisual images and how they are indexing, based on the theory that was studied and on the practice in the job market of TV archives.

Keywords: Archive; Television; Audiovisual document; Images in motion; Description of images; Indexing language.

Introdução

A rotina de trabalho de um arquivo de imagens audiovisuais, mais especificamente de um arquivo de TV, tem exigido que o gerenciamento da informação e da documentação nesses ambientes seja foco de estudos que visem suprir uma certa “*carência*” de publicações em nossa área voltadas para essa temática. Com a finalidade de reduzir essa escassez de publicações, apresentaremos, a seguir, uma abordagem acerca da teoria arquivística, voltada para os arquivos de TV, e do tratamento da informação das imagens em movimento. Serão discutidos os principais pontos da teoria arquivística, que nos embasaram no desenvolvimento deste estudo, e a rotina dinâmica que caracteriza o ambiente de um arquivo de TV. Além disso, serão apresentadas algumas das diretrizes que norteiam o gerenciamento eficaz de informações e de documentos audiovisuais, enfatizando as suas principais características e a maneira com que se dá a recuperação da informação em arquivos de TV. Também serão apresentados alguns critérios adotados na representação descritiva e temática da informação audiovisual. É importante frisar que a produção deste artigo se deu a partir do embasamento com a teoria arquivística e de experiências adquiridas quando estivemos na gestão de um arquivo de TV, o que nos dá subsídios para aliar a teoria arquivística com a prática nesses ambientes informacionais. Pretendemos, então, compartilhar essas experiências de trabalho e apresentar formas de gerenciamento da informação e dos documentos audiovisuais, propondo métodos e técnicas para o tratamento da informação e arquivamento de mídias com imagens em movimento.

A Teoria Arquivística aplicada aos Arquivos de TV

Analisando as publicações da área de Arquivologia, percebemos que a grande maioria delas entra em consenso quanto à definição de arquivo. Como exemplo, a [Associação Brasileira de Normas Técnicas](#) (1986) afirma que arquivo consiste basicamente na: “*designação genérica de um*

conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, caracterizado pela natureza orgânica de sua acumulação e conservado por essas pessoas ou por seus sucessores, para fins de prova ou informação. De acordo com a natureza do suporte, o arquivo terá a qualificação respectiva, como, por exemplo: arquivo audiovisual, fotográfico, iconográfico, de microformas, informático”.

[Lopes](#) (1997) discute, em suas publicações, a importância do profissional que trabalha em arquivos absorver conhecimentos de outras áreas, com o fim de buscar constante especialização. Ele corrobora a ideia de que o profissional da informação, seja ele bibliotecário ou arquivista, deve traçar um perfil do que ele chama de “cientista social”, ou seja, há a necessidade desse profissional se tornar também um pesquisador. Ainda segundo [Lopes](#) (1997, p. 34): “o recorte teórico possível para a metodologia de trabalho desse profissional deveria ser recolhido na experiência da sociologia, história, filosofia e no conhecimento tecnológico contemporâneo, no que se refere ao armazenamento, preservação, classificação, avaliação e descrição das informações registradas, arquivísticas, em qualquer suporte. Talvez seja difícil reunir numa só pessoa o alto nível de conhecimento desejável para os complexos problemas que se têm de enfrentar. Um profissional pode, ao longo de sua formação acadêmica e do acúmulo de experiências intelectuais e práticas, construir um perfil desta natureza. A noção de equipe de trabalho, de educação continuada, a melhoria dos currículos dos cursos existentes etc. são medidas desejáveis”.

Adquirir essas experiências pode ajudar bastante esse profissional na execução de suas atividades nos ambientes de arquivo, visto que é de suma importância o seu contato com outras áreas. Nesse sentido, observar a rotina de trabalho da instituição na qual se quer aplicar a pesquisa torna-se crucial à medida que o desenvolvimento de suas atividades determina a existência do arquivo e influencia o comportamento dos usuários diante dessa unidade de informação. Após a compreensão da rotina de trabalho, conhecer, atender e satisfazer às necessidades informacionais dos usuários e/ou clientes dos arquivos de TV, por meio de estudos de uso, de usuários e/ou pesquisas de opinião, pode ser considerado como ponto de partida para um gerenciamento eficaz de um arquivo dessa natureza. [Lopes](#) (1997, p. 34) também nos faz atentar para a importância da elaboração de projetos de pesquisa e de trabalho, com o fim de haver publicações na área, no sentido de que: “a produção intelectual sistemática e a colocação em prática de projetos que produzam modelos efetivos são as principais garantias da possibilidade de se melhorar o desempenho dos profissionais da informação arquivística”.

Quanto à rotina de um arquivo em si, para fins de embasamento, a principal fundamentação teórica arquivística gira em torno da teoria das três idades, a qual divide o ciclo vital dos documentos arquivísticos nas fases corrente, intermediária e permanente. Autores como [Lopes](#) (1996), [Paes](#) (2004), [Bellotto](#) (2006) e [Schellenberg](#) (2006) adotaram essa divisão em seus estudos no intuito de facilitar a organização dos acervos existentes em arquivos. [Lopes](#) (1996, p. 77), por exemplo, discorre acerca de estudos realizados em arquivos a nível mundial, destacando que: “o problema do ciclo de vida dos documentos é abordado pelos autores canadenses. O ciclo é definido pela frequência e tipo de utilização dados aos documentos, sendo parte dos pilares do que eles chamam de ‘arquivística contemporânea’. Os três períodos de vida dos documentos seriam baseados nos valores administrativos e de informação histórica contidas nos documentos”.

Relacionaremos aqui essa teoria arquivística com as atividades desenvolvidas no ambiente de um arquivo de TV, visando descrever e contextualizar a rotina de trabalho, os serviços oferecidos, a organização documental e as formas de tratamento da informação audiovisual. No que se refere aos arquivos correntes, [Schellenberg](#) (2006) aponta alguns fatores que determinam a eficiência da administração desses arquivos, dentre eles estão: as características dos documentos modernos, as atividades inerentes ao próprio trabalho de organização e administração dos arquivos correntes e o tipo de órgão que deve executar esse trabalho. Diante disso, definimos como arquivo corrente aqueles documentos em curso ou consultados frequentemente, conservados em locais próximos ou nas dependências em que foram recebidos ou produzidos. No caso de um arquivo de TV,

consideramos como documentos de caráter corrente as mídias que são preparadas para as gravações internas e externas, mas que retornam ao arquivo para serem reutilizadas e/ou reeditadas.

Sobre arquivos intermediários, [Lopes](#) (1996, p. 78) descreve que: *L.* Com base nessa definição, entendemos como arquivo intermediário quaisquer documentos que deixaram de ser consultados frequentemente, mas cujos órgãos que o receberam ou produziram ainda podem solicitá-los e/ou armazená-los para suprir alguma necessidade tanto do arquivo quanto de qualquer outro setor da organização, porém, não é preciso que esses documentos sejam guardados novamente no arquivo. Na TV, podem ser consideradas como tais documentos as mídias que já retornam para o arquivo devidamente editadas com o fim de seu conteúdo ainda ser veiculado.

Quanto aos arquivos permanentes, [Bellotto](#) (2006) cita o valor dos documentos como um dos requisitos fundamentais no processo de avaliação desse acervo, o que torna o documento permanente ou não. Compreendemos, então, que o arquivo permanente é formado pelos documentos que perderam seu valor administrativo, corrente ou intermediário, e adquiriram valor histórico ou documental. Pode ser considerado o arquivo propriamente dito, já que os documentos são arquivados de forma permanente. Num arquivo de TV, consideramos esses documentos a mídia cujo conteúdo já foi veiculado e/ou reprisado dentro da programação, retornando ao setor Arquivo para o seu armazenamento definitivo, bem como para o tratamento de seu conteúdo informacional, fazendo com que as imagens audiovisuais sejam disponibilizadas para futuras pesquisas.

Características dos Arquivos de TV

Os acervos de mídias não convencionais, como os arquivos de TV, têm em seu bojo informações múltiplas acerca dos conteúdos abordados nas suas apresentações e reportagens, que vão desde o áudio, que funciona como uma espécie de narração dos fatos, ao que é mostrado nas imagens em movimento, nas quais essas informações são carregadas de significados que não podem fugir àqueles que delas necessitam. Nesse ensejo, os usuários desse tipo de informação requerem esse material com a maior fidedignidade e rapidez possíveis. Sendo assim, as atividades desenvolvidas nesse tipo de arquivo resumem-se, basicamente, ao registro das mídias, descrição, classificação, indexação e avaliação do conteúdo informacional. Classificar as reportagens ou os programas por assunto, por exemplo, significa atribuir retrancas a cada um deles, o que também leva à elaboração de sinopse, ou resumo, e de notas remissivas, complementando a descrição detalhada da informação. A catalogação dos documentos audiovisuais se dá, na maioria das vezes, por meio de números de registro, códigos de identificação, título e número dos programas, além de suas respectivas datas de exibição, que definem o local de guarda dos documentos em seu espaço físico, ou digital, correspondente. Também são inseridos dados referentes a patrocinador, nome e profissão dos entrevistados, *minutagem (duração e localização da matéria)* e indicação de responsabilidade (*produtor, repórter, cinegrafista, apresentador, editor etc.*).

Enquanto isso, a atividade de indexação, inserida num metadado específico denominado palavras-chave, descritores, marcadores, termos indexadores ou vocabulário controlado, é feita numa base de dados desenvolvida para atender à realidade do arquivo de TV. Além disso, também existe um metadado para a descrição de imagem, mais conhecida como *decupagem*, a qual será discutida mais adiante, atribuindo maior detalhe ao tratamento da documentação audiovisual. A etapa de avaliação deve ser realizada constantemente, pois há mídias que serão eliminadas devido ao seu uso em excesso, o que faz com que a imagem gravada comece a “digitalizar”, ou seja, a mídia perde a qualidade, começando a apresentar “pontos”, “quadrados” ou “congelamentos” na imagem. É importante salientar que essa eliminação vale apenas para as mídias utilizadas nas gravações de externa, ou seja, das imagens capturadas quando a equipe de reportagem está nas ruas. Por outro lado, as mídias contendo os programas gravados terão a sua guarda permanente. Comenta-se muito sobre a qualidade dos diferentes tipos de suporte de arquivamento, bem como seu período de vida útil. Como tipos de suportes, um arquivo de TV pode ser composto pelas seguintes mídias: DVD, BLU-RAY e/ou fitas VHS, U-MATIC, BETACAM, M II, MINIDV, DVCAM, dentre outras.

Quanto aos usuários de um arquivo de TV, são considerados os repórteres, cinegrafistas,

apresentadores, produtores e editores, além dos clientes externos, a maioria deles entrevistados que participaram de alguma gravação. Esses usuários “*alimentam*” o acervo do arquivo com documentos que contêm informações acerca do cotidiano retratado nas reportagens e buscam, num futuro não muito distante, essas mesmas reportagens a fim de que possam servir a um novo contexto surgido. Esse é o ciclo informacional que se cria no ambiente de um arquivo de TV, no qual temos como protagonistas usuário e/ou cliente, profissional da informação (*bibliotecário e/ou arquivista*) e sistema de tratamento e recuperação da informação.

[Palácios](#) (2002, p. 8) atenta para a existência de arquivos abertos para pesquisa no ambiente informacional dos veículos de comunicação, traçando um paralelo no que concerne à relação entre usuário e arquivo, enfatizando que: “*os jornais impressos, desde longa data, mantêm arquivos físicos das suas edições passadas abertas à consulta do público e utilizadas por seus editores e jornalistas no processo de produção de informação noticiosa. No jornalismo impresso moderno é comum a publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente. O mesmo ocorre com relação às emissoras de rádio e TV, que mantêm arquivos sonoros e de imagem, eventualmente utilizados na produção de material noticioso de caráter jornalístico*”.

É preciso, então, que o profissional bibliotecário e/ou arquivista conheça toda a estrutura televisiva para que atenda a seu usuário eficazmente, já inferindo quais são as suas necessidades informacionais. Além disso, faz-se necessário que esse profissional pense o século XXI como uma era em que a organização do conteúdo informacional já não se limita apenas aos acervos físicos, conforme os tipos de mídia supracitados, mas também aos digitais, uma vez que grande parte da informação encontra-se digitalizada, visando proporcionar uma maior dinamicidade e interatividade na relação entre acervo, sistema e usuário. Sobre o futuro dos formatos e suportes de vídeo, [Caldeira](#) (1996, p. 142) afirma que: “*os anos que se avizinham irão ser prodígios em novidades nos campos da televisão e do vídeo. O estreitamento das relações com o computador e o advento da alta definição irão obrigar a indústria audiovisual a uma luta sem quartel para lançarem equipamentos e suportes com maior capacidade, menor tamanho, mais curto tempo de acesso e totalmente digitais. A meta será – quem sabe? – a implantação de dispositivos de estado sólido, do tipo das memórias RAM, que se prevê seja o único formato a manter-se em exploração a partir de 2010/2015*”.

A verdade é que essa descrição já tem sido a realidade de muitas emissoras de TV, as quais têm substituído, gradativamente, o suporte físico pelo digital, o que gera uma maior precisão e rapidez na disponibilização de imagens aos usuários do setor Arquivo. Como exemplo, temos as imagens já arquivadas em HD, o que propicia uma maior qualidade de imagem e acesso em rede. Nesse caso, a atenção é voltada para o formato de vídeo (*tais como: DIVX, AVI, MPEG, dentre outros*) a ser capturado e/ou arquivado em HD, tendo em vista a limitação de espaço para armazenamento. Tem-se recorrido ao arquivamento em *storage*, cuja relação custo-benefício tem agradado a muitos gestores nas áreas de Comunicação e Tecnologia da Informação. Contudo, um embate de ideias tem surgido: o suporte digital garante a segurança das imagens audiovisuais a ponto de não mais arquivarmos em um suporte físico? Tendo em vista esse embate, cabe a cada gestor e profissional da informação decidir pela forma de arquivamento mais adequada à realidade de sua emissora de TV. Contudo, de nada adianta uma migração de suportes, a exemplo do que ocorre de fitas ou DVDs para HDs, sem um método consistente de trabalho voltado para o tratamento do conteúdo informacional das imagens em movimento.

O Tratamento da Informação nos Arquivos de TV

O tratamento da informação e dos documentos audiovisuais, no âmbito de um arquivo de TV, é feito sob uma “*nova roupagem*” dada às técnicas de catalogação, indexação, classificação e descrição do conteúdo informacional. Relacionando classificação e arquivo, [Schellenberg](#) (2006, p. 83 e 84) discorre: “*a classificação é básica à eficiente administração de documentos correntes. Todos os outros aspectos de um programa que vise ao controle de documentos dependem da classificação. Se os documentos são adequadamente classificados, atenderão bem às necessidades das operações correntes. Classificação significa o arranjo dos documentos segundo um plano*”.

destinado a facilitar seu uso corrente. Os esquemas ou sistemas de arranjo, e seus princípios, descem às raízes do problema do arranjo dos documentos. Determinam o agrupamento de documentos em pequenas unidades, e o agrupamento destas em unidades maiores”.

Quanto à descrição do conteúdo, a representação temática leva em consideração o potencial informativo de cada documento audiovisual arquivado. Nesse sentido, o potencial informativo das imagens em movimento deve ser entendido como os possíveis “*pontos de acesso*” que irão representar o conteúdo e possibilitar a recuperação das imagens. É preciso que haja uma análise minuciosa da linguagem dos usuários/clientes (*o que irá refletir na composição do sistema de gerenciamento e recuperação da informação*), da política de indexação adotada (*se houver*), dos objetivos e do público-alvo da organização. O potencial informativo também leva em consideração os detalhes e a pluralidade de uso e de contexto das imagens. Por isso, o profissional indexador precisa ter um olhar que vá além da análise temática, atentando, assim, para as múltiplas possibilidades de recuperação e de uso das imagens indexadas. Entra aqui uma técnica que complementa e que vai além da indexação: a *decupagem*.

A *decupagem* consiste numa descrição detalhada das ações apresentadas nas imagens audiovisuais. É a descrição dos movimentos dos personagens envolvidos nas ações, situações e/ou eventos, dos pormenores de cada lugar onde as ações acontecem, dos diálogos entre os envolvidos, do texto ou narrativa apresentada na imagem, dos efeitos inseridos na edição de imagem, da forma como a imagem se apresenta para o usuário/cliente, dentre outros elementos relevantes para a recuperação do conteúdo informacional. Vale ressaltar que é de suma importância atentar para todo esse potencial informativo, pois, durante a decupagem, o ideal é que a indexação se torne exaustiva, o que proporciona especificidade no momento da busca, tendo em vista o potencial informativo de se pesquisar tanto pelo termo mais geral quanto pelo termo mais específico, além de levar em consideração a pluralidade de uso, contexto e significado das imagens.

O conhecimento de mundo, principalmente de lugares e de personalidades, também ajuda bastante no trabalho de decupagem. Uma reportagem que se passa em uma rua, cujo nome não é mencionado no texto, por exemplo, pode e deve muito bem ser inserida na descrição da imagem, desde que o indexador saiba o nome exato da rua ou atente para pesquisá-la em outras fontes de informação, preferencialmente na Internet. Atentar para fachadas de prédios, vista panorâmica dos lugares, movimentos de câmera, interior dos ambientes, partidas esportivas, cobertura de eventos, fala e movimento dos entrevistados, dentre outros detalhes, constitui-se um importante aliado no processo de decupagem das imagens.

Além disso, alguns critérios devem ser levados em consideração ao indexarmos e decuparmos a informação audiovisual. São critérios que facilitam e padronizam as atividades de indexação, decupagem e recuperação da informação, bem como relacionam os termos indexadores, que poderão ser utilizados por meio da linguagem natural ou controlada, visando à representação e recuperação do conteúdo informacional. Dentre esses critérios, temos: consulta a fontes de informação, padronização de termos, hierarquia, equivalência, pertinência e atualidade. A observância desses critérios na indexação, na decupagem e na busca nos leva a trabalhar com as dimensões da indexação, conforme expostas por [Lancaster](#) (2004): exaustividade e especificidade. Nesse sentido, no momento da decupagem, é de suma importância lembrar e seguir o que teóricos como [Lancaster](#) (2004) discorrem acerca de indexação. Aplicados na indexação de imagens em movimento, esses critérios são adotados indo sempre ao encontro da linguagem do usuário, adaptando a indexação de acordo com os termos utilizados pelos apresentadores, produtores, editores e/ou repórteres da TV.

A consulta às fontes de informação disponíveis, sejam jornais impressos, revistas e/ou portais de notícias, por exemplo, pode servir de grande auxílio nas atividades de decupagem e indexação no ambiente de um arquivo de TV. Isso se justifica pelo fato de que as notícias são sempre difundidas nas diversas plataformas de comunicação existentes. Normalmente, os veículos de comunicação

integram a sua linha editorial e as pautas do dia simultaneamente às suas emissoras de rádio e TV, aos jornais, revistas e portais na Internet. Em outras palavras, uma mesma informação é difundida ao mesmo tempo em cada uma dessas plataformas, fazendo com que aquilo que é noticiado no jornal também o seja na TV. Portanto, o tratamento dessa informação num arquivo de TV deve ser trabalhado conforme a pluralidade dos veículos e da linguagem da Comunicação, esclarecendo dúvidas do indexador referentes à imagem a ser decupada e/ou às informações relevantes na indexação.

Também poderá ser adotado o critério da padronização de termos, por meio do uso de um vocabulário controlado, por exemplo. Apesar dessa ferramenta ser de grande auxílio, é importante que a linguagem natural também seja utilizada na decupagem das imagens, na medida em que se fizer necessário, tendo em vista a linguagem, muitas vezes coloquial, que compõe a informação audiovisual. Na prática, mesmo que a instituição disponha de uma ferramenta de padronização de termos, a linguagem natural sempre será utilizada na indexação, pois a linguagem controlada servirá apenas de norte para o indexador, tendo em vista que os termos devem se relacionar com a linguagem dos usuários e clientes do arquivo.

O critério de hierarquia é o primeiro que auxilia na relação entre os termos indexadores. Após a decupagem da imagem, ou seja, da descrição detalhada propriamente dita, o indexador irá atribuir os termos que representarão a informação audiovisual. Essa atribuição poderá ser de maneira hierarquizada, sempre indexando os termos do mais geral para o mais específico, de acordo com o que a imagem ou a política da instituição exigir. Podemos citar, como exemplo, uma reportagem sobre chuva, cujos termos indexadores mais adequados serão, conforme o que a imagem mostrar e em ordem hierárquica: previsão do tempo; chuva; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. Indexar uma imagem em movimento sob esse critério nada mais é do que categorizar os assuntos apresentados na imagem, criando uma hierarquia ao inserir os termos indexadores no sistema.

Outro critério de grande importância na indexação das imagens em movimento é o de equivalência entre os termos. Esse critério permite uma maior possibilidade de recuperação da informação, pois sinônimos, ou quase sinônimos, são utilizados como termos indexadores. Um exemplo bastante comum nas emissoras de TV é o de manifestações de greve de servidores públicos. Nesse caso, a indexação da imagem, de acordo com a sua descrição detalhada, dar-se-ia como: greve; paralisação; manifestação; reivindicação; protesto; salário; servidor público; funcionário público; Brasil. Podemos perceber que há uma sinonímia entre paralisação e greve, assim como entre manifestação, reivindicação e protesto, o que significa dizer que a busca poderá se dar por qualquer um desses termos. Concluimos, então, que o critério de equivalência entre os termos facilita a busca do usuário e dos profissionais envolvidos na pesquisa dentro de um arquivo de TV.

Vale ressaltar também os casos de ambiguidade e polissemia que podem vir a ocorrer na indexação das imagens em movimento. Um exemplo nítido é o do termo “*quadrilha*”, o qual poderá ser indexado numa reportagem sobre os festejos juninos no Nordeste ou sobre a prisão de criminosos falsários de documentos, por exemplo. Em casos como estes, é extremamente aconselhável o uso de qualificadores, modificadores e/ou clarificadores, corroborando os ensinamentos de [Oliveira \(2012\)](#). O critério de pertinência se aplica no sentido de indexar determinada imagem, sobre um determinado assunto, já pensando em seu possível uso e/ou adequação a outro contexto (nível iconológico), o que depende da pauta dos produtores. Exemplificando: suponhamos que determinada reportagem aborde como tema a feira-livre, apresentando imagens de frutas e legumes. Muito provavelmente, após a sua descrição minuciosa, as imagens serão indexadas por: compra; venda; feirante; feira-livre; fruta; verdura; hortaliça; legume.

Caso a imagem especifique quais frutas e hortaliças aparecem, termos como maçã; laranja; mamão; alface; cenoura, dentre outros, também deverão ser utilizados, desde que sejam exibidos pelas imagens. A pertinência dos termos se aplica, então, quando for solicitada uma pesquisa sobre alimentação saudável, por exemplo, daí as imagens utilizadas na cobertura da reportagem sobre

feira-livre suprirão a essa necessidade informacional, ou seja, essas imagens também serão utilizadas na edição de um VT sobre alimentação saudável. Esse critério é bastante recorrente nos arquivos de TV, por isso o indexador deverá atentar para cada detalhe das imagens. No momento da busca, o critério bastante utilizado é o de atualidade, pois são priorizadas sempre as imagens mais recentes para o uso na edição, salvo se o usuário solicitar uma imagem com data específica que torne a imagem “antiga”. Exemplos de rotina aparecem quando o usuário solicita imagens de lojas no Natal, seca no Nordeste ou desastres naturais, cabendo ao profissional responsável pela pesquisa recuperar as imagens que sejam as mais atuais possíveis, com exceção se o usuário solicitar uma reportagem ou um acontecimento com uma data específica.

Por fim, também são adotados critérios de exaustividade e especificidade. No momento da indexação e ao decupar as imagens, o critério de exaustividade possibilita um maior grau de detalhe no tratamento da informação, levando a uma maior revocação, tendo em vista a riqueza de detalhes presentes numa imagem em movimento. Uma indexação composta de 10 a 30 termos, dependendo do conteúdo de cada reportagem ou programa, é a ideal para que, no caso de arquivos de TV, informações relevantes sejam recuperadas no momento da pesquisa, proporcionando, assim, uma maior precisão. É sugerido, portanto, que seja atribuída uma indexação exaustiva para que a informação possa ser recuperada de uma forma precisa, contrariando teóricos como [Lancaster](#) (2004), que afirma que o critério de exaustividade possibilita uma maior revocação e menor precisão, podendo ocorrer que informações irrelevantes também sejam recuperadas. No caso das imagens em movimento, uma indexação exaustiva leva a uma maior revocação e maior precisão, fazendo com que termos importantes sejam recuperados na busca.

Em contrapartida, o critério de especificidade se aplica ao momento da pesquisa, ou seja, da recuperação da informação, e não da indexação do conteúdo. Na prática, como já foi mencionado anteriormente, imagens indexadas sob o critério de exaustividade nos dão especificidade (*precisão*) no momento da busca, visto que permite a pesquisa tanto pelo termo mais geral quanto pelo termo mais específico. Caso a especificidade fosse aplicada à indexação e decupagem das imagens, haveria menor revocação e menor precisão, pois seriam inseridos termos em número reduzido, o que não iria abranger a totalidade e complexidade de uma reportagem ou programa de TV, fazendo com que conteúdos importantes deixassem de ser recuperados. Em suma: nos arquivos de TV, exaustividade na indexação e na decupagem implica especificidade na recuperação da informação. Faz-se mais do que necessário que todos esses procedimentos e aportes teóricos sejam documentados em manuais de serviço e em políticas de indexação e/ou de arquivamento, tendo em vista registrar as atividades e a rotina de trabalho num arquivo de TV, bem como traçar diretrizes para nortear o gerenciamento eficaz de informações e de documentos audiovisuais.

Considerações Finais

O interesse em desenvolver um estudo sobre o gerenciamento de informações e de documentos audiovisuais surgiu, primeiramente, da nossa afinidade por esse assunto. A ideia foi amadurecida quando também resolvemos planejar e aliar a organização de nosso acervo pessoal de vídeos com a proposta de pesquisar formas, métodos e técnicas de arquivamento audiovisual. Também acumulamos experiências quando organizamos um determinado acervo de DVDs que fazia parte da coleção de uma biblioteca especializada, daí veio o nosso primeiro contato com a organização audiovisual.

Além disso, o nosso maior interesse advém da reorganização de um arquivo de TV, o que nos fez apreender métodos, técnicas e possibilidades que nos deram embasamento e experiência para um estudo aprofundado acerca das formas de gerenciamento eficaz do conteúdo informacional e dos suportes audiovisuais. Como consequência, passamos a exercer a profissão de bibliotecário gestor desse mesmo arquivo de TV, o que nos possibilita levar adiante a proposta de um estudo sistemático sobre a organização documental e informacional num arquivo de imagens em movimento. A produção deste artigo se deu, portanto, a partir dessas experiências adquiridas, o que nos dá subsídios para aliar a teoria arquivística com a prática nesses ambientes informacionais. Participar de cursos de capacitação também foi importante para consolidar o aprendizado acerca da

documentação audiovisual e do tratamento da informação contida nas imagens em movimento.

O trabalho do dia-a-dia nos fez perceber a necessidade de relatar e compartilhar essas experiências, a fim de documentar a realidade vivenciada no ambiente de um arquivo de TV e de explorar o “*universo*” da informação televisiva. A nossa intenção de contribuir com futuras publicações acerca dessa temática, na área da Ciência da Informação, também se constituiu num fator primordial na produção deste artigo, aliando a teoria e prática arquivísticas com as técnicas da Biblioteconomia, tendo em vista o nosso foco de trazer uma temática que consideramos pouco abordada e de desenvolver um estudo que alie a teoria estudada com a prática profissional no mercado de trabalho.

Acreditamos que este artigo poderá despertar o interesse de estudantes de graduação, ou mesmo de pós-graduação, em ingressar na área de arquivos em veículos de comunicação, como, por exemplo, TV, rádio, jornais, agências de publicidade, portais de notícias, dentre outros do gênero. Nesse sentido, constatamos que as organizações têm exigido cada vez mais uma qualificação especializada por parte de quem deseja atuar nesse nicho de mercado, por isso consideramos como ponto primordial de partida a realização de trabalhos e pesquisas voltadas para esses ambientes informacionais.

Referências

- .ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9578: arquivos. Rio de Janeiro, 1986.
- AYRES, Maria Teresa Lima et. al. Manual de política de indexação. Fortaleza: Banco de Dados O POVO, 2011. 111 p.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CALDEIRA, Carlos Reinas. Formatos e suportes de vídeo. Revista Educação e Tecnologia, Salvador, n. 17, p. 125-143, fev. 1996. Disponível em: <[http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/864/1/revista Nº17 - Caldeira \(1996\).pdf](http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/864/1/revista_Nº17_-_Caldeira_(1996).pdf)>. Acesso em: 24 set. 2012.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. Revista de Biblioteconomia, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CUNHA_1982.pdf>. Acesso em: 22 set. 2012.
- ESPERANÇA, Eduardo. Para uma ontologia do arquivo de imagem em movimento. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/esperanca-eduardo-ontologia-arquivo-imagens.html>>. Acesso em: 22 set. 2012.
- GADELHA, Magna de Oliveira. A indexação e a recuperação da informação no telejornalismo. 2012. 53f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- LANCASTER, F.W. Indexação e resumos: teoria e prática. 2. ed. rev. atual. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.
- LOPES, Luís Carlos. A informação e os arquivos: teorias e práticas. Niterói (RJ): EDUFF; São Carlos (SP): EDUFSCar, 1996.
- _____. A gestão da informação: as organizações, os arquivos e a informática aplicada. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.
- OLIVEIRA, Ronni dos Santos. Fundamentos da gestão da informação e documentação audiovisuais. In: PROJETO INFORMAÇÃO AUDIOVISUAL. Curso EAD. São Paulo, 2013.
- _____. Imagens em movimento: princípios de gestão da informação filmica e televisiva. In: PROJETO INFORMAÇÃO AUDIOVISUAL. Curso EAD. São Paulo, 2012.

_____. Construção de vocabulário controlado para imagens fotográficas: criação, estruturação e implementação. In: PROJETO INFORMAÇÃO AUDIOVISUAL. Curso EAD. São Paulo, 2012.

PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e prática. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PALÁCIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. Revista PJ:Br - Jornalismo Brasileiro, n. 4, nov./dez. 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 22 set. 2012.

PIRES SANTOS, Francisco Edvander. Estudo de usuários no Arquivo de Imagens da TV O POVO. Fortaleza, 2010. 33 p.

_____. Relatório de atividades e pesquisa de opinião. Fortaleza, 2011. 12 p.

_____. Relatório de atividades 2012. Fortaleza, 2012. 42 p.

SALLES, Filipe. A imagem eletrônica: o vídeo. Disponível em: <<http://labculturaviva.org/pontobrasil/materialdidatico/imagemeletronica.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2012.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. A representação da informação em arquivos: viabilidade de uso dos padrões utilizados na biblioteconomia. Acervo: Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1-2, p. 57-66, jan./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/138>>. Acesso em: 24 set. 2012.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. Gestão de arquivos pessoais. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 62-80, jan./jul. 2008. Disponível em: <<http://www.arquivistica.net/ojs/viewarticle.php?id=131>>. Acesso em: 22 set. 2012.

SCHELLENBERG, Theodore R. Arquivos modernos: princípios e técnicas. 6. ed. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Sobre o autor / About the Author

Francisco Edvander Pires Santos

edvanderpires@gmail.com

Bibliotecário e Documentalista da Universidade Federal de Campina Grande. Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará.